

MENEM ACONSELHA CALOTE

Marcos Savini
Da equipe do **Correio**

Coincidência ou não, os presidentes da Argentina e do Uruguai, parceiros de Mercosul, tiraram o dia de ontem para criticar o governo brasileiro e sugerir formas de superar a crise. O argentino Carlos Menem afirmou que o Brasil deveria optar pela moratória interna, como fez seu país em 1989. O uruguai Julio Sanguinetti foi mais contundente: acusou Fernando Henrique Cardoso de ter agravado a crise ao postergar, com fins eleitorais, a mudança na política eleitoral.

Em entrevista publicada ontem pelo jornal *La Nación*, Menem sugeriu que o governo brasileiro deveria seguir o mesmo caminho iniciado por seu país em 1989 com um confisco, que abriu caminho para a dolarização da economia.

Carlos Menem afirmou que "um plano Bonex é o que faz falta ao Brasil". Na opinião do presidente argentino, a adoção de um plano parecido ajudaria a diminuir as dívidas de curto prazo do Brasil, equilibraria o déficit fiscal a atrairia maiores investimentos estrangeiros.

O plano argentino teve como objetivo acabar com as dívidas de curto prazo do governo. Os depósitos dos fundos de renda fixa foram confiscados e, em troca, os argentinos receberam bônus do governo prevendo a devolução do dinheiro ao longo de um prazo de dez anos.

"A dívida interna está carregando o Brasil com uma quantidade impressionante de juros. Acredito que um plano similar ao Bonex seria uma res-

posta interessante à crise", disse Menem ao *La Nación*.

As declarações de Carlos Menem têm como pano de fundo a insatisfação com o regime cambial flutuante adotado pelo Banco Central brasileiro — que parece colocar Brasil e Argentina em rota de colisão em relação ao futuro do Mercosul, por conta de suas políticas cambiais opostas.

As opiniões de Menem sobre a política monetária brasileira foram publicadas um dia depois do presidente do Banco Central brasileiro, Francisco Lopes, ter descartado a idéia de algo parecido com o plano Bonex para tirar o Brasil da crise.

Em sua sabatina de quatro horas no Senado, na terça-feira, ele afirmou que, "no caso brasileiro, a experiência seria desastrosa". A explicação é a de que o total das reservas do Brasil, US\$ 36 bilhões, jamais cobririam os R\$ 400 bilhões de depósitos existentes no país. "Teríamos que alongar esses depósitos. Seria um desastre total", disse Francisco Lopes.

O presidente do Banco Central elogiou o plano argentino, mas ponderou que ele não serviria para o Brasil. "Currency board é para quem pode, não para quem quer. Achamos que funciona bem em só dois casos: Argentina e Hong Kong."

E arrematou afirmando que caso os argentinos dolarizassem totalmente sua economia, o país iria virar "uma espécie de Panamá" — única nação da América latina que abriu mão de sua própria moeda em favor do dólar. "Uma sociedade sem moeda própria é no mínimo uma sociedade esquisita", completou Francisco Lopes.

Na segunda-feira, o ministro Celso Lafer, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, já havia criticado a idéia de que o Brasil deveria adotar a dolarização para superar a crise, lembrando que tal política prejudicaria a "diversificação geográfica do comércio brasileiro", que dirige-se não apenas para as Américas, mas também para a Ásia e Europa. E alertou: "Esta proposta não contribui para o encaixamento construtivo de longo prazo do Mercosul".

SANGUINETTI

Menem não foi o único presidente de um país do Mercosul a comentar a crise brasileira e fazer sugestões para solucioná-la. Julio Sanguinetti, do Uruguai, criticou Fernando Henrique Cardoso por ter agravado a situação em troca de uma reeleição confortável.

Em entrevista ao jornal *El Observador*, ele considerou contraditória a forma como o presidente brasileiro lidou com a crise. "Estes são os custos da reeleição: Fernando Henrique não fez o que devia para poder ser reeleito, e depois se viu na encruzilhada de ter que fazer o que devia ter feito antes", disse o uruguai.

A crise brasileira atingiu em cheio a economia uruguaya. Para enfrentar os efeitos da desvalorização do real, Sanguinetti reuniu-se ontem com seus ministros para planejar um corte de 8% dos gastos públicos.

Segundo uma fonte citada pelo *El Observador*, Sanguinetti teria dito que "o inferno tão temido já chegou". Ele teria também previsto uma drástica redução da atividade econômica no Cone Sul.

Glaucio Dettmar 10-11-97



Menem responde críticas de Lopes à dolarização: não paguem a dívida